



AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: ENTRE O PLANEJAMENTO E A IMPROVISACÃO

Aline Esposório do Nascimento¹

Jaciene Vigabriel da Silva²

Fabiano Antônio dos Santos³

PALAVRAS-CHAVE: Planejamento; Educação Física escolar; Ação-Reflexão Pedagógica; Improvisação.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta o resultado de pesquisa que buscou, ao mesmo tempo, refletir o contexto escolar e a importância do planejamento para a ação-reflexão pedagógica nas aulas de educação física. A pesquisa foi desenvolvida juntamente com a realização do estágio obrigatório, momento fundamental de aproximação da realidade escolar.

Ao realizarmos o estágio em duas escolas municipais do município de Corumbá/MS, pudemos perceber o quanto a disciplina de Educação Física Escolar necessita de profissionais que tenham como princípio orientador o planejamento, como recurso indispensável para a realização de aulas cujos objetivos sejam efetivamente alcançados, e não fiquem somente no papel. O planejamento da aula deve partir dos objetivos e neles retornar. Para isso, deve levar em conta o meio ambiente, e a ampliação dos horizontes das experiências dos alunos.

Planejamento, portanto, pressupõe envolvimento, tempo, reflexões, projeções de ações. O improviso é a antítese do ato de planejar e em nada contribui para o desenvolvimento das aulas. Ao constatarmos que estes princípios não eram levados em consideração nas aulas observadas, começamos a nos questionar sobre o verdadeiro sentido que o planejamento tem assumido nas aulas de educação física, uma vez que nas aulas da graduação sempre é destacado seu papel para a efetivação dos objetivos propostos. Neste sentido, passamos a realizar os seguintes questionamentos: Afinal, o que é planejamento? Qual o sentido dado a ele, nas aulas observadas? Quais as diferenças entre uma aula que considera o planejamento como instrumento norteador da prática pedagógica e uma aula que tem o improviso como eixo norteador?

Planejamento é uma ação que envolve o ato de sistematizar e organizar atividades futuras. Isso não significa que deva ser compreendido como, um dogma ou uma “camisa de força”, a ser seguido sem alterações e adaptações. Planejar é visar o objetivo a ser atingido, porém, o professor pode levar em consideração o meio ambiente, e as experiências vividas pelo aluno, ao estabelecer seus objetivos. Segundo Figueiredo e Gama, apud Vasconcellos 2000:

¹ Autora: Acadêmica do Curso de Educação Física da UFMS – Câmpus do Pantanal – BOLSISTA PERMANÊNCIA 2012 - PREAE/UFMS/CPAN; integrante do projeto: a arte cinematográfica como instrumento de ensino e aprendizagem (UFMS/CPAN); enila_lininha@hotmail.com.

² Autora: Acadêmica do Curso de Educação Física da UFMS – Câmpus do Pantanal – BOLSISTA PERMANÊNCIA 2012 - PREAE/UFMS/CPAN; jaci_arautos@hotmail.com.

³ Orientador. Doutor em Educação. Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais, Formação Docente e Educação (GEPEFE) - UFMS (líder); Grupo de Estudos de Política Educacional e Trabalho - UFSC (pesquisador); Linhas de pesquisa em que atua: Educação e Trabalho, Políticas públicas e reformas educacionais, e Políticas Públicas Educacionais. fabiano.santos@ufms.br

“Planejar é antecipar mentalmente uma ação ou um conjunto de ações a ser realizadas e agir de acordo com o previsto. Planejar não é, pois, apenas algo que se faz antes de agir, mas é também agir em função daquilo que se pensa.” (p.3).

Isso quer dizer que não se trata de uma ação sem reflexão, fazemos nas aulas aquilo que mentalmente elaboramos anteriormente.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada em duas escolas municipais, situadas na Cidade de Corumbá-MS. Em uma delas, as observações foram realizadas com as turmas do Pré I e Pré II da Educação Infantil (crianças entre, 5 e 6 anos) e, na outra, com as turmas do Pré-A, Pré-B e Pré-C da Educação Infantil (crianças entre 4, 5 e 6 anos). O estágio, momento em que realizamos as referidas observações, compreendeu as seguintes etapas: fase de monitoria/observação (10 h/a), fase de planejamento (35 h/a) e fase de regência (34 h/a). Destacamos algumas conversas realizadas entre as professoras e os alunos, que revelam a falta do planejamento como documento norteador das ações pedagógicas.

Uma vez realizadas as observações e destacada a problemática de pesquisa, passamos ao levantamento bibliográfico e a análise do material observado e descrito.

ANÁLISE E DISCUSSÕES

Nessas escolas, observamos que as professoras não planejavam suas atividades pedagógicas. As aulas eram da mesma forma quase todos os dias, vez ou outra eram aplicadas brincadeiras diferentes do futebol e voleibol, como por exemplo: “bobinho” e “queimada”. Porém, a mais realizada eram os jogos pedagógicos, como quebra-cabeça e cubos de montar. A justificativa de uma das professoras para a permanência nas mesmas atividades é a capacidade dos alunos em modificar os objetivos propostos pelo professor: “As brincadeiras têm que ser livre, porque não dá certo as brincadeiras que direcionamos. Elas sempre dão jeito.” (Professora A)

Segundo a professora A, aula “livre” é o único meio dos alunos saírem satisfeitos. Para ela, atividades direcionadas é uma forma de impor ou abrigar o aluno a fazer determinada atividade. As crianças sempre se ajeitam, isto é, sempre acham uma forma de brincar.

Outra justificativa para a falta de planejamento, dada pela professora B é a quantidade de alunos que, segundo ela, são inferiores ao necessário para o desenvolvimento pedagógico. Segundo ela, “... como tem poucos alunos, eu deixo eles com esses jogos.” (Professora B)

Essa fala ocorreu no início da aula, porém, aos pouco os alunos foram chegando, isso ocorreu dentro de uns 10 minutos. A quantidade de alunos não seria o motivo para a professora não ministrar a aula, porque os alunos continuaram com os jogos.

A falta de intencionalidade nas aulas traz outro problema que identificamos: a diferenciação de atividades para meninos e para meninas. Como não houve uma discussão sobre as atividades realizadas, os alunos são levados a reforçarem questões do senso comum. Constatamos a afirmação de um aluno sobre a possível existência de atividades destinadas aos meninos, que seria diferente das atividades para as meninas. “Brincadeira de menina eu não quero, menino joga bola.” (Aluno A)

Essa fala é resultado dos alunos se “ajeitarem”, porque muitas vezes ocorria a separação de sexo nesse “ajeitamento”, os meninos jogavam futebol, as meninas pulavam corda, brincavam com cubo de montar e bonecas.

A partir disso, pudemos afirmar que a falta de direcionamento e de discussão crítica resulta no desconhecimento e reforço de preconceitos. Não acreditamos que existam atividades direcionadas para meninos e para meninas. Achamos justamente o contrário: é na diferença que se cria a unidade, ou seja, é compreendendo minhas diferenças enquanto ser

humano que posso respeitar o direito do outro, a individualidade do outro.

Outra justificativa para a utilização das aulas livres que nos chamou a atenção partiu da professora C. Para ela, as condições de trabalho precárias, a falta de tempo adequado para o planejamento acaba resultando no despreparo e impossibilidade de planejar adequadamente as aulas de educação física. Segundo a referida professora, a “recusa da aprendizagem se dá devido ao número elevado de alunos nas classes, à sobrecarga de trabalho do professor, e ambiente/espço não apropriado para o desenvolvimento da aula”. Concordamos plenamente que as condições de trabalho determinam a realização da aula. Precarização do trabalho docente está diretamente relacionada à precarização do ensino. Como destaca Fusari (1989)

A ausência de um processo de planejamento do ensino nas escolas, aliadas às demais dificuldades enfrentadas pelos docentes no exercício do seu trabalho, tem levado a uma contínua improvisação pedagógica nas aulas. Em outras palavras, aquilo que deveria ser prática eventual acaba sendo uma regra, prejudicando, assim, a aprendizagem dos alunos e o próprio trabalho escolar como um todo. (p.10)

Sabemos que o professor não pode resolver todos os problemas da educação. Essa afirmação vai contra a tendência atual das políticas educacionais que procuram responsabilizar o professor pelos problemas da escola. Nossa pesquisa não teve a intenção de culpabilizar o professor pela falta de intencionalidade e planejamento das aulas de educação física. Ao contrário, a intenção foi apresentar problemáticas do cotidiano escolar que têm impactado sobre a qualidade do ensino, tão propalada nestes últimos tempos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi analisado nesta pesquisa, identificamos antigos e atuais problemas da Educação Física Escolar como, por exemplo: a falta de planejamento do professor, deixando os alunos livres sem nenhum objetivo, o que faz com que o professor vire apenas um recreador, que está ali apenas para divertir as crianças.

A falta de planejamento gera a improvisação e, conseqüentemente, a desarticulação entre os objetivos e sua execução. Em outros termos, percebemos que a improvisação das aulas observadas gerou situações que não correspondiam aos objetivos propostos em cada aula.

Portanto, para nós, “cabe ao professor” planejar suas aulas, e sempre traçar seus objetivos e suas metas, porém, privilegiando primeiramente os alunos, isto é, levando em consideração o conhecimento historicamente acumulado dos mesmos. Tornando-os, assim, alunos críticos, capazes de se colocarem no mundo de forma consciente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alves, R. *Lazer e Infância – O futuro do lúdico: Implicações para o processo educativo. A “contribuição” da escola.* São Paulo: Papirus, 1990.

CARDOSO *et al.*, *A importância do planejamento para o professor de Educação Física.* EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires - Año 16 - Nº 157 - Junio de 2011.

Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/>>, Acessado em: 10 de Março de 2013.

CARMO, Apolônio A.D. *Educação física: uma desordem para manter a ordem.* Portal de Revistas da USP - Universidade de São Paulo. p.41-47.p.

GAMA, A. de S; FIGUEREDO, S. A. de. *O Planejamento no contexto Escolar.* Disponível em <<http://www.discursividade.cepad.net.br/EDICOES/04/Arquivos04/05.pdf>>, acessado em 15 de fevereiro de 2013.

SANTOS, G. do N. *Planejamento Escolar: Um instrumento facilitador do trabalho docente.* Bahia.2010. Disponível em <<http://www.slideshare.net/BJCA/planejamento-escolar-um-instrumento-facilitador-do-trabalho-docente>>, acessado em 12 de março de 2013.